

Suplemento Cultural

N.º 15

revista paulista de medicina

Paulo Mangabeira Albernaz

Prof. Lycurgo de Castro Santos Filho

*Presidente da Academia Paulista de História e Presidente
Honório da Academia Campinense de Letras*

Um das expressivas figuras da medicina paulista, Paulo Mangabeira Albernaz morreu em Campinas a 23 de abril do corrente ano de 1982. Era dos derradeiros espécimes de uma casta em extinção, a do médico humanista, tão versado na ciência de Hipócrates quanto nas letras clássicas. Justa é a evocação de seu nome nesta sessão em que a Associação Paulista de Medicina, em uma feliz iniciativa de Duílio Crispim Farina, homenageia os seus mortos mais eminentes. Coube-me, a mim, que resido em Campinas, como Mangabeira Albernaz residiu, sintetizar a lembrança daquele que foi um dos pioneiros no desenvolvimento da otorrinolaringologia brasileira. Nessa especialidade, o seu nome emerge e se apresenta como desbravador nos estudos sobre o pólipos da leishmaniose e autor de uma extensa bibliografia de temas clínicos e cirúrgicos.

Ele praticou e lecionou a otorrinolaringologia. Sua clientela era grande em Jaú, onde exerceu a profissão a partir de 1921, e depois em Campinas, para onde se transferiu em 1926. Professor na Escola Paulista de Medicina, da qual foi um dos fundadores (1933) e primeiro ocupante da cadeira de otorrino, as suas aulas marcaram-se pela clareza da exposição, perfeição e fluência da linguagem. Possuía a palavra fácil, espontânea. Voz bem empostada, de timbre sonoro, peculiar aos naturais da Bahia. Não obstante haver nascido em Bagé, no Rio Grande do Sul (25.1.1896), onde seu pai serviu como médico militar, era baiano pelos ascendentes e pela formação. Sua família possuía o engenho de Santo Antônio

da Embiara, em Cachoeira, e a sua avó paterna era uma Cavalcanti de Albuquerque e Aragão. Diplomou-se na Faculdade de Medicina do Salvador (1919) e foi interno do Serviço de Otorrinolaringologia de Eduardo Rodrigues de Moraes. Mas a tese que defendeu, intitulada "Estudos sobre o parasito da raiva", e que obteve distinção, ele a preparara no Instituto Oswaldo Cruz da Bahia. Entretanto, foi à otorrino que Mangabeira se dedicou.

As observações obtidas em sua clínica, publicou-as em jornais médicos cariocas e paulistas e, principalmente, na então categorizada revista "Brasil Médico", do Rio de Janeiro. Foram transcritas pelo órgão "El Dia Medico", de Buenos Aires, e, enfeitadas em livro intitulado "Otorrinolaringologia prática" (1ª edição, Rio de Janeiro, 1930), constituíram-se no compêndio pioneiro da matéria, no Brasil. Como a especialidade fora incluída somente em 1911 no currículo das duas faculdades médicas existentes no Brasil, a do Rio de Janeiro e a da Bahia, era reduzida a bibliografia e o livro de Mangabeira Albernaz, oportuno e bem escrito, difundiu-se, alcançando nove edições. Adotaram-no, em substituição ao tratado francês de G. Laurens, e o indicaram aos seus alunos, os titulares das cadeiras de otorrino das escolas médicas nacionais, em 1930.

A segunda edição, em 1935, estampou novos capítulos relativos à anatomia e à fisiologia das regiões da especialidade, tornando-se essencialmente didática. Outro volume, e este um verdadeiro tratado, Mangabeira deu a lume sob o título

de "Clínica otorrinolaringológica" (1933). O compêndio, esse tratado, a colaboração em obras valiosas, como a "Enciclopédia Salvat de Ciências Médicas" (Barcelona, 1952), e ainda cerca de quinhentas publicações inseridas em revistas brasileiras, francesas e americanas, sobre a especialidade e sobre outros diversos assuntos, projetaram o nome do autor, que foi eleito membro de associações científicas nacionais e estrangeiras, e recebeu a medalha de ouro do mais expressivo prêmio latino-americano da Otorrinolaringologia, o denominado "Eliseu Segura" (1969). Quando se jubilou por limite de idade (1966), na Escola Paulista de Medicina, o governo federal distinguiu-o com a comenda da Ordem do Mérito Médico, no grau de Grande Oficial.

A Escola Paulista de Medicina foi a querença de sua vida. Escreveu-lhe a história dos primeiros vinte e cinco anos de existência. E nela se diplomaram os seus três filhos, Luís Gastão, Paulo e Pedro Luís. Este ocupou a cadeira que pertencera ao pai.

Uma das amostras do conhecimento que Mangabeira Albernaz possuía da filologia foi a sua dedicação à nomenclatura científica, mormente à terminologia médica, da qual foi autorizado cultor. Como filólogo que se prezava de ser, para não fugir à regra, sustentou acrispolas polémicas com os colegas lingüistas. Ele pesquisava a origem, indicava os termos mais convenientes e intentava obter a uniformização. São de sua lavra os estudos intitulados "Questões de linguagem médica" — 1ª (1944) e 2ª séries (1962)

— e “Lições de terminologia médica” (1949), além de dezenas de artigos em revistas e jornais. Foi o redator da “Nomenclatura Anatômica Brasileira” (in “Arquivos de Cirurgia Clínica Experimental”, São Paulo, maio-agosto 1961), uma “Nomina Anatomica” que contou com mais três colaboradores.

Digressão erudita e bastante interessante que se permitiu o professor e filólogo, foi o seu ensaio médico-histórico de diagnóstico retrospectivo da doença que teria vitimado Napoleão Bonaparte. No livro “De que morreu Napoleão” (1939), que alcançou três edições, Mangabeira Albernaz, depois de analisar a sintomatologia manifestada nos últimos anos de vida, e após esmiuçar o laudo de necropsia, concluiu que o imperador dos franceses faleceu vítima de câncer da pequena curvatura do estômago e a morte dera-se, não por caquexia, mas por perfuração e conseqüente peritonite generalizada.

Uma valiosa e documentada incursão de Mangabeira no terreno da história médico-militar brasileira, resultou no volume denominado “Episódios da Revolução Federalista no Paraná (1893-94)”, editado pelo benemérito Edgard Cerqueira Falcão na preciosa coleção “Brasilensia Documenta” (1979). É a narrativa dos terríveis dias vividos pelos médicos que prestaram assistência aos soldados legalistas (florianistas) cercados na Lapa,

e que, após a rendição, foram levados pelos revoltosos federalistas para Curitiba, então sob o domínio das forças contrárias ao presidente Floriano Peixoto. Obrigados ao atendimento dos revolucionários no Hospital Militar, foram posteriormente os médicos civis e militares aprisionados, como cúmplices da revolta, pelo general florianista que retomou Curitiba, e embarcados para Florianópolis, para ali serem fuzilados pelo sangüinário coronel Moreira César. Um deles era justamente o tenente médico José Garcia Albernaz, ainda solteiro, e que viria a ser o pai de Paulo Mangabeira Albernaz. Encarcerados, dois a dois, em celas de uma fortaleza, o companheiro de Albernaz era o diretor do Hospital de Curitiba, capitão médico Gastão de Aragão. Enquanto o primeiro passava o tempo a tocar flauta para se distrair, o último vivia a deblaterar em altas vozes contra Floriano e os carcereiros. Foi o único sacrificado. Moreira César ordenara o fuzilamento de todos. Mandou abrir as sepulturas e, duas horas antes da execução, suspendeu-a. Gastão de Aragão foi o único a ser fuzilado. Dezenas de outros infelizes já haviam sido assassinados em Florianópolis pelo façanhudo coronel, como o marechal Manuel de Almeida Gama Lobo d'Eça, barão de Batovi. Moreira César morreu em Canudos, na Bahia, massacrado com o seu regimento, pelos sertanejos de Antônio Conselheiro.

Paulo Mangabeira Albernaz foi um homem realizador, que prestou serviços à comunidade em que atuava. Em Jaú, onde clinicou vindo do Salvador da Bahia (1921), fundou a Sociedade de Medicina e Cirurgia (1922) e o Serviço de Otorrino na Santa Casa local. Transferiu-se para Campinas em 1926, ali estabeleceu idêntico Serviço da especialidade na Misericórdia, foi um dos fundadores da Academia Campinense de Letras, presidente por três vezes da Sociedade de Medicina e Cirurgia e seu sócio benemérito, presidente do Rotary Clube de Campinas e governador do Distrito 459 do Rotary Internacional. Depois de organizar a Associação dos Rotarianos de Campinas, lançou a pedra fundamental do “Edifício Rotary”, que hoje sedia os diversos clubes da cidade.

Espírito voluntarioso, irrequieto, em um corpo bem nutrido, Mangabeira Albernaz era um brigão entusiasmado, ágil, incapaz de uma grosseria, mas ferino nas discussões e disputas. Teve desafetos, como não podia deixar de ter, dado que se há predicado que não se perdoa em alguém é a inteligência. E ele era um homem inteligente.

Morreu, após uma vida que viveu, não como simples espectador, ou mera testemunha, mas como autor de seu destino, que ele arquitetou e bem cumpriu. As excelentes lembranças que de si deixou justificam a homenagem que ora se presta à sua memória.

Alfonso Bovero

Prof. Odorico Machado de Sousa

À medida que o tempo se distancia, mais se agiganta o vulto de Alfonso Bovero. Foi a mais perfeita personificação do Professor Universitário, trazido para São Paulo, para a sua recém-fundada Escola de Medicina e Cirurgia, pela clarividência de Arnaldo Vieira de Carvalho, seu fundador.

Pela limitação do tempo, não me estenderei sobre sua vida na Itália, referindo apenas que, aos 24 anos, Bovero concluiu seu curso médico em Turim, tendo

sido discípulo de Carlo Giacomini e Romeo Fusari nas ciências morfológicas. Seguiu logo para a Alemanha, onde estudou embriologia com Hertwig e anatomia com Waldeyer. De volta a seu país, foi recebido na Universidade de Turim como assistente de anatomia, passando logo a assistente-chefe e a livre-docente por concurso. E também por concurso atingiu a cátedra de anatomia em Cagliari em 1909, aos 38 anos de idade. Tinha vencido, portanto, todos os degraus da

carreira universitária e acumulado nesse tempo um acervo de trinta e cinco trabalhos e um prêmio da Academia de Medicina de Turim, quando recebeu o convite do fundador da nossa Faculdade para vir reger a cadeira de anatomia, o que ele aceitou vislumbrando um mundo novo que se abria ao seu extraordinário dinamismo.

Começou no início de 1914 a sua vida em São Paulo e esta é que deve interessar mais de perto a maioria dos

presentes, entre os quais, acredito, poucos há que o conheceram pessoalmente.

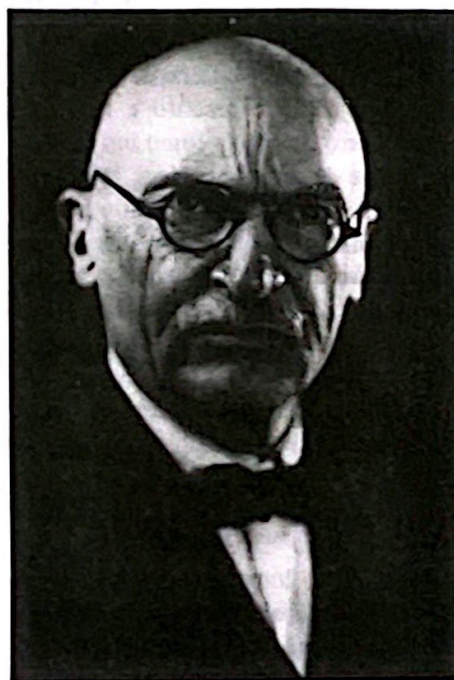
Sua primeira aula ficou na história da Faculdade. Recém-chegado, encontrou naturalmente um laboratório por organizar, contendo apenas meio esqueleto importado da França e uma coleção do tratado de Anatomia de Testut. Assim, sem outros recursos didáticos, preparou sua aula inaugural utilizando anotações, mas valendo-se, sobretudo, de sua prodigiosa memória enquanto passeava pelas alamedas do Jardim da Luz, pela manhã. Essa aula proferida a 25 de abril daquele ano versou sobre "Importância e conceito fundamental da Anatomia; sua relação com outras ciências médicas". Foi assistida não apenas pelos alunos mas também pelo fundador e primeiro diretor da Faculdade, Arnaldo Vieira de Carvalho, por professores e assistentes. A aula, demonstração de sua forte inteligência e grande saber, definiu sua personalidade. O entusiasmo de Arnaldo era transbordante e ele rejubilava-se da acertada escolha de um mestre de tal envergadura e que sem dúvida o ajudaria a dar projeção à jovem Faculdade. Daí em diante visitava constantemente Bovero em seu laboratório e estabeleceu-se entre os dois uma amizade que durou até a morte tão prematura de Arnaldo.

Foi ingente o trabalho de Bovero em organizar o laboratório de anatomia, onde tudo estava por fazer; desde a preparação do espaço físico, equipado com o mínimo necessário, até a formação de pessoal auxiliar e técnico que devia aprender até mesmo como receber o cadáver e prepará-lo convenientemente para o estudo. E este trabalho de organização prolongou-se pelo tempo, no primitivo laboratório da Rua Brigadeiro Tobias, estendendo-se depois às instalações provisórias no atual edifício do Instituto Oscar Freire e por fim às definitivas, que ele considerava mesmo luxuosas, no novo prédio da Faculdade na Avenida Dr. Arnaldo.

Contou Bovero com a colaboração inicial de um grupo seleto de assistentes por períodos variáveis, muitos dos quais, mais tarde, vieram a ser eminentes professores de outras disciplinas na Faculdade de Medicina; eles receberam do Mestre não só ensinamentos científicos mas também a metodologia científica. Vim a ser eu também um de seus assis-

tentes, a seu convite, no término de meu curso e com ele trabalhei até o final de sua vida. Pude assim apreciar em sua inteireza a personalidade de Bovero.

De fisionomia austera e de certa aspereza no trato, pelo menos de começo, era na verdade cheio de sentimento e sobretudo de imensa bondade. Interessava-se pelos que viviam à sua roda, procurando auxiliar em suas dificuldades os funcionários menores do laboratório; entristecia-se ao ver um aluno com algum defeito físico e tratava de encaminhá-lo a um médico para a reparação necessária. E entristecia-se também com o insucesso



Alfonso Bovero

de um aluno; sofria com ele, quando não podia aprová-lo nos exames; procurava saber da razão do fracasso, muitas vezes dificuldades de família, e então o animava e logo incumbia um assistente de ajudá-lo dando-lhe explicações e demonstrações necessárias, preparando-o para novo exame. Seria longo dizer mais, para atestar a grandeza de seu coração.

Como professor foi de excepcional valor. Sentindo a grave responsabilidade de seu magistério e a repercussão que teria certamente no meio médico paulista e, futuramente, no país, preparava cuidadosamente suas aulas, densas de conhecimentos e de ensinamentos. E confessava a emoção que ainda sentia ao prepará-las, após anos e anos, como se fosse a sua primeira aula. Elas não eram

de fácil entendimento, exigiam muita atenção para acompanhar suas longas frases e seguir seu pensamento.

No ensino, dava extrema importância aos trabalhos práticos, considerava a dissecação o melhor meio de aprender anatomia, objetivamente, lendo no cadáver, o mais perfeito e inigualável livro sobre a construção do corpo humano. Exigia que todos os alunos preparassem pelo menos uma peça de cada sistema do corpo e que pudessem ser feitas naturalmente na sala de dissecação, sem recorrer a técnicas especiais mais complexas e demoradas. E obrigava também todos seus assistentes mais novos a permanecer com os alunos na sala de trabalhos práticos, auxiliando-os, ao mesmo tempo que eles próprios consolidavam seus conhecimentos da matéria.

Além de sua atividade didática e porque tinha bem nítido o conceito de Universidade, na sua essência, histórica e logicamente mais um centro de pesquisa e de desenvolvimento da ciência do que apenas um centro de ensino, Bovero empenhou-se na investigação. Era um pesquisador pertinaz e metucioso que preparava ele próprio o material de estudo. Suas pesquisas realizadas em São Paulo foram, em parte, continuação das que iniciara na Itália. Entre estas, destaco a que se refere à constituição da abóbada palatina óssea examinada numa série de crânios que atingiu a impressionante cifra de 4.708.

Não cabe nesta breve oração uma referência e muito menos uma análise de todos os seus estudos feitos em S. Paulo. Mas é importante ressaltar que, seguindo as idéias de seu Mestre Giacomini, sobre a diversidade morfológica dos indivíduos de grupos étnicos diferentes, iniciou aqui a anatomia racial, cujo estudo ele considerava quase um dever moral dos brasileiros pela sua condição privilegiada, dispondo de vasto campo de estudo na população heterogênea do país. E assim, partindo de uma observação de Giacomini sobre a presença de uma placa de cartilagem na prega semilunar da conjuntiva de um negro, empreendeu uma pesquisa sistemática sobre essa formação, em abundante material coletado entre nós. A frequência dessa cartilagem nos negros permitiu-lhe considerá-la um indiscutível caráter racial desse grupo.

Seus estudos foram apresentados numa publicação que foi considerada por Locchi, seu discípulo e sucessor imediato na cátedra, um "verdadeiro poema como perfeição de exposição em assunto morfológico".

Mas era também interessado na anatomia comparativa e sentiu-se feliz ao perceber a extensão de um campo ainda virgem para investigação, na fauna mais caracteristicamente brasileira. E, numa lição de brasilidade, entusiasmou seus colaboradores numa linha de pesquisa da qual ele próprio participou, chegando a identificar um ossículo constante na dura-máter da região pré-hipofisária do *Bradypus tridactylus*, a preguiça comum de nosso Estado.

Devo ainda mencionar sua última contribuição científica publicada entre nós, e que versava sobre a morfologia da mucosa de revestimento do dorso na língua. Coletou para isso, ao longo do tempo, cerca de 800 línguas humanas e nelas observou em particular as papilas valadas, ou melhor, os órgãos valados, na sua morfologia, seu número, seu agrupamento, as papilas fungiformes tão variáveis; as papilas filiformes e as folhadas da margem da língua. Suas observações em tão extensa coleção permitiram-lhe firmar conceito sobre a individualidade da mucosa lingual humana, apresentado em memorável conferência proferida na 24ª Semana de Otorrinolaringologia de São Paulo, em 1936. Para ele, assim como os giros e sulcos cerebrais, como as linhas papilares dos dedos e como a musculatura mímica, também a mucosa lingual possui características individuais e identificatórias.

Outro grande estudo estava em andamento, mas ficou inacabado. Versava sobre a morfologia cerebral, para o qual já havia coligido imensa bibliografia e bom número de encéfalos. Apenas uma vez pronunciou-se sobre o assunto, durante hora e meia, numa das reuniões das sextas-feiras no Instituto Biológico, ao tempo de Rocha Lima na sua direção.

A formação de novos elementos docentes orientados também para a pesquisa era preocupação de Bovero. Tarefa imensa, que se juntava à de ir instalando um laboratório e preparando seus auxiliares técnicos, ao mesmo tempo que desenvolvia o ensino e a pesquisa. Mas seu

entusiasmo, seu infatigável dinamismo e sua lúcida inteligência o levaram ao perfeito desempenho de tantos e importantes encargos. E não obstante ainda publicasse vários e valiosos trabalhos, percebia-se, na diminuição do ritmo de suas investigações pessoais e no número de suas publicações, em relação ao que fizera na Itália, que o Mestre dedicava-se muito mais a seus encargos docentes, para não sobrecarregar seus colaboradores. Deixava-lhes tempo livre para seus estudos e pesquisas, de cuja orientação ocupava-se Bovero pessoalmente, e ia então lhes incutindo suas normas de trabalho. E destas, logo em primeiro lugar, o mais completo respeito pelo trabalho alheio, que obrigava a exaustiva busca bibliográfica, para inteirar-se do que já fora dito sobre o assunto e não vir a cair no erro de julgar como um fato novo o que já era conhecido; para "não abrir uma porta aberta", como ele costumava dizer. E vinham as recomendações sobre a coleta do material, os cuidados no tratamento do mesmo, as técnicas aplicáveis ao caso e então descia a pormenores inimagináveis, como, por exemplo, a maneira de lavar um vidro onde seria feita uma solução de nitrato de prata, de maneira a assegurar uma boa impregnação argêntica, tão em uso para o estudo da estrutura do sistema nervoso. E ao longo do trabalho vinham as exigências maiores: o rigor nas observações, o registro minucioso de tudo que via e uma cuidadosa ordenação dos resultados. Chegava então o momento da análise dos dados obtidos, o confronto com a literatura, as conclusões particulares e as generalizações, tudo acompanhado por Bovero, que levava o jovem a ter uma visão mais ampla dos fatos biológicos, e procurava fazê-lo entender que a "anatomia não é um galho seco da biologia". E repetindo a expressão de Ruffini, grande embriólogo italiano, "a forma é a imagem plástica da função", ensinava o jovem a ver na forma e na estrutura dos órgãos a relação com suas funções. Comportava-se como um guia cauteloso e seguro e, chegada a fase da redação do trabalho, fecho natural da pesquisa, sentia o jovem o rigor de Bovero para que cada frase fosse a expressão exata do fato observado ou fizesse o leitor acompanhar o raciocínio seguido na discussão e interpretação do mesmo. E

após repetidas redações percebia o jovem que nada devia temer, pois o crivo do Mestre era sua garantia.

Bovero soube contagiar os moços pelo seu amor ao estudo e orientou inúmeras pesquisas de discípulos e colaboradores seus e mesmo de elementos não pertencentes ao quadro docente da Faculdade de Medicina. Alegrou-se ao ver concluída uma pesquisa e mais ainda quando já publicada, levando o nome de um discípulo e que merecera citação na literatura nacional e internacional. Ouvimos este trecho de seu discurso ao agradecer as homenagens que lhe foram prestadas em 1932.

"E quando me é dado ver transcritos em Monografias ou mais ainda em Tratados moderníssimos de qualquer nacionalidade, especialmente os resultados do árduo trabalho de alunos ou assistentes meus, mais ainda que de trabalhos que levam o meu nome só, então acho a vida realmente bela, sendo grande o prêmio às longas vigílias, à séria fadiga comum; e sinto também o orgulho de poder corresponder e fazer corresponder, ao menos em parte, a confiança que Governo, Colegas e Discípulos, a Coletividade numa palavra, possam haver depositado em nós."

Na verdade, toda a atividade de seus discípulos e colaboradores levava a marca do Mestre, sempre presente em todas as etapas de seus trabalhos. Mas jamais julgou-se no direito de juntar seu nome em qualquer trabalho realizado sob sua orientação, pois esta é função do professor que deve porém saber respeitar o trabalho do discípulo, julgando-o seu único autor. Seu rigor estendia-se também ao ritmo de trabalho e dizia "faça um bom trabalho por ano", significando que considerava difícil concluir, nesse tempo, mais que um de boa qualidade, pelo menos em anatomia.

Com suas publicações e as de seus discípulos, mantinha intercâmbio com muitos e importantes centros científicos do mundo. Chamou a atenção para o Laboratório de Anatomia de São Paulo, que ele fizera surgir do nada, tornando-o respeitado pelo elevado padrão de seu ensino e pela intensa atividade de investigação, cujos resultados tiveram repercussão no país e fora dele.

Por tudo isso, tornou-se Bovero cre-

dor de nossa gratidão, que lhe foi testemunhada em várias homenagens. Recordo aquela por ocasião do décimo aniversário de sua chegada a São Paulo e ainda uma outra muito mais significativa que lhe prestou a Congregação da Faculdade de Medicina em 1932. Terminara mais um contrato quadrienal e decidira então a Congregação firmar um novo, agora sem prazo determinado, válido pelo tempo que Bovero desejasse. A votação se fez com todos os professores de pé, em expressiva manifestação do grande reconhecimento do que deviam ao Mestre. Não deixou também o Governo do país de reconhecer-lhe os méritos,

concedendo-lhe as insígnias da "Ordem do Cruzeiro do Sul".

Em novembro de 1936, terminado o ano letivo, Bovero embarcava para a Itália, para suas férias junto à família. Sua saúde já parecia comprometida; lá chegando, seu estado agravou-se e, após prolongada agonia, extinguiu-se a 9 de abril de 1937. Contam os íntimos que em momentos de lucidez ele recordava São Paulo, seus amigos e seus colaboradores, os que perderam aquele que foi um "Mestre de ciência e de consciência", para repetir aqui a expressão que ele próprio usou, referindo-se a Giacomini, seu Mestre.

Ao longo de 1962, o 25º ano da sua morte, foram realizados cursos e conferências em homenagem à inesquecível personalidade. E, no Senado da República, o Senador Benedito Mário Calazans dedicou-lhe reverente evocação e nas comemorações organizadas pela Faculdade de Medicina, em emocionante oração, afirmou: "Alfonso Bovero fez da Ciência um trabalho e uma missão; e, ao contrário daquilo que se faz hoje no mundo, serviu-se da morte para exaltar a vida. Alfonso Bovero é um exemplo para nossa juventude universitária, uma lição de brasilidade a nós dada por um estrangeiro."

Um século de gastrectomias

Theodor Billroth

A cirurgia e o contexto político, social e tecnológico de sua época

Henrique Walter Pinotti

Professor Adjunto de Clínica Cirúrgica do
Departamento de Cirurgia da Faculdade de Medicina da
Universidade de São Paulo.

Pela importância da realização histórica da primeira gastrectomia e do progresso que ela representou no desenvolvimento da cirurgia, é justo que se preste homenagem à figura de Theodor Billroth.

Aos 29 de janeiro de 1881, Billroth realiza, pioneiramente, com pleno sucesso, a gastrectomia para tratamento de câncer do piloro.

"A paciente Tereza Heller, de 43 anos de idade, apresentava síndrome dispéptica e melena durante 3 meses, os vômitos eram diários, instalados de meia a uma hora após as refeições. Palpava-se na região epigástrica uma massa dura e móvel do tamanho de um punho. Na véspera da intervenção, foi submetida a lavagem gástrica com água. A sala de operações especialmente preparada para laparotomias foi aquecida à temperatura de 24º. Um assistente experiente administrou anestesia geral pelo clorofórmio. A via de acesso consistiu numa incisão

oblíqua no epigástrico, da esquerda para a direita, sobre a região tumoral. Foram praticadas ligaduras duplas para seccionar os epíploons e encontrados gânglios linfáticos no ligamento gastro-cólico. O segmento gástrico distal foi removido, incluindo o tumor. O extremo seccionado do estômago foi fechado de baixo para cima com 21 pontos, alguns superficiais, outros profundos, o duodeno foi unido à curvatura menor do estômago com 33 pontos de seda carbolizada, a cavidade peritoneal lavada com ácido carbólico a 2% e o abdome fechado com drenagem.

A operação durou 1 hora e meia, incluindo a lenta indução anestésica. O exame anátomo-patológico da peça demonstrou adenocarcinoma do piloro. No pós-operatório foi administrado gelo, leite e regular quantidade de café e chá."

Dessa maneira, Billroth relatou o caso numa carta ao Dr. L. Wittelshofer

em 4 de fevereiro de 1881, sendo publicado 6 dias depois da intervenção, na *Wien Medicine Wochenschrift* (3). No pós-operatório, em torno de 20º dia, a paciente pôde comer carne assada e teve alta hospitalar. Sobreviveu 4 meses, quando faleceu, revelando a autópsia carcinomatoso peritoneal.

Assim foi realizado o relato histórico da primeira gastrectomia praticada com sucesso e designada de modalidade *Billroth I*. Deve-se assinalar que Pean, em 5 de abril de 1879, praticou a primeira ressecção de câncer do piloro, mas o paciente faleceu no 5º P.O. Mais tarde, Billroth procedeu a nova ressecção por câncer; devido a sua extensão, não houve possibilidade de reconstituir o trânsito com o duodeno. Este foi suturado, sendo o estômago anastomosado ao jejuno; nascia assim a gastrectomia *Billroth II* (1885).

Com o tempo, as duas variantes foram divulgadas em todos os países, o

que possibilitou incontestavelmente o grande progresso assumido pela cirurgia gástrica. Nesta homenagem que se presta ao seu criador, um dos maiores cirurgiões de toda história da humanidade, é importante que sejam analisados alguns tópicos de sua intensa existência.

Cristian Theodor Billroth nasceu em 26 de abril de 1829, em Bergen, no norte da Alemanha — onde seu pai, descendente de suecos, era ministro luterano. Foi um dos cinco filhos e seu genitor faleceu quando Theodor tinha cinco anos.

Sustentado pelos avós, em 1848 formou-se no "Ginasium". Fora um estudante medíocre, havia-se dedicado profundamente ao estudo da história da literatura e dos poetas da antiguidade. Tinha pouca aptidão para matemática e para idiomas, dos quais facilmente se desviava, devido ao seu grande atrativo para música, cujo talento havia herdado de seus pais e avós. A enérgica decisão de sua mãe fez com que não se dedicasse exclusivamente à música. Devido à pressão materna, iniciou seus estudos de Medicina, tendo-se formado em Berlim, em 1852. O início da carreira como médico geral não lhe fora propício; nos primeiros 2 meses, não teve um só paciente. Nesse ano, ingressa como assistente no serviço do Prof. Langenbeck. Neste ambiente, teve oportunidade de conviver com médicos famosos e, sempre estimulado pelo seu chefe, teve rápida e brilhante carreira. Em 1858 foi-lhe dado o cargo de professor de Anatomia Patológica na Universidade de Greinwald, sua originária Universidade. No ano de 1859, foi transferido para Zurich, como Professor de Cirurgia, onde serviu durante 7 anos. Ali conheceu o jovem compositor Johannes Brahms, de quem se tornou íntimo amigo e tiveram em comum intensa atividade na área musical. Em 1867 foi convidado para assumir o cargo de Professor de Cirurgia da Universidade de Viena.

O clima não era tão saudável como o de Zurich e uma de suas três filhas veio a falecer de tuberculose em Viena.

Todavia, Billroth aceitou o cargo, porque Brahms foi convencido de igualmente se mudar; por ser solteiro, a transferência ocorreu sem dificuldades.

O exuberante ambiente de Viena absorveu o espírito de Billroth. Em 1882, seu mestre Langenbeck se apo-

sentou em Berlim, sendo-lhe oferecida a cátedra de cirurgia mais prestigiada da Alemanha. Não aceitou porque não lhe conviera e tampouco a Brahms abandonar o usufruto da vida serena e artística de Viena (2, 4, 5).

Ocupou este cargo até sua morte, em 1894, aos 65 anos de idade.

BILLROTH E A MÚSICA

Sua inclinação natural para a música atingiu o clímax, na sua vida adulta, quando estudou piano e violino.

Billroth escrevia também, regularmente, crítica musical para um jornal vienense. Isto estreitou ainda mais os laços de amizade destes grandes homens.

Durante vários anos, toda a música de câmara elaborada por Brahms era apresentada e ensaiada inicialmente na casa de Billroth, bem como todas as composições novas de Brahms eram entregues manuscritas a Billroth, para submetê-las à sua apreciação e à crítica necessária.

Theodor Billroth



Depois das reuniões musicais, retornava a seus estudos de cirurgia, prosseguindo até altas horas da madrugada.

Estava convencido que o estudo da música contribua para a sua capacidade criativa como cirurgião, e o expressou afirmando: "É uma superficialidade de nossos tempos crer que a ciência e a arte se contrapõem; a imaginação é mãe de ambas."

Enquanto vivia em Zurich, conheceu o jovem compositor Johannes Brahms, de quem se tornou grande amigo.

Em 1873, Brahms dedicou ao íntimo amigo Billroth seus dois primeiros quartetos de corda em dó menor e lá menor, opus 51. O terceiro destes quartetos foi dedicado a outro médico famoso, o Prof. Engelmann, de Utrecht.

Billroth comentou este fato em carta a Engelmann, assim se expressando: "além de colegas na Universidade, o somos na música. Temo que estas dedicatórias façam perdurar nossos nomes mais que nossos melhores trabalhos científicos. Não é muito confortável

para nós, porém é notável para a humanidade que, com certo critério, considera que a arte é mais imortal que a ciência".

Da correspondência estabelecida entre Brahms e Billroth foram conservadas 331 cartas.

É importante assinalar que da sua obra artística nada restou; embora sendo Billroth autor de várias composições musicais, seu severo espírito de autocrítica o fez destruir todos seus manuscritos inéditos, por crer que não eram suficientemente bons para a posteridade.

pírico para o cirurgião formado e adestrado cientificamente.

Como Billroth conseguiu realizar toda esta obra há 100 anos distante de nossos dias?

Foi um gênio ou um fenômeno isolado na sua época?

Nunca um homem isoladamente faz a história.

O fato histórico é sempre determinado por um complexo de fenômenos que participam para marcar o seu acontecimento.

que é aplicado para melhorar a quantidade ou a qualidade do trabalho do homem. Basicamente, as primeiras invenções foram a máquina na desencaroçadeira de algodão, o tear mecânico, a caldeira a vapor e a indústria siderúrgica. Cada invenção teve as suas múltiplas aplicações, com abertura de um grande leque com linhas de inúmeras aplicações e de outros tantos desdobramentos industriais e consequências no campo social. Basta citar o exemplo da caldeira a vapor, que teve suas aplicações como fonte de energia motora na indústria, no navio a vapor, na locomotiva e nos primeiros e rudimentares veículos automotivos.

Quase um século depois, este progresso chegou ao continente europeu e encontrou a Alemanha robustecida. Na época, correspondia ao extenso e vigoroso Império Germânico.

Constituição do Império Alemão

O II Reich (1871-1918) era uma monarquia federal composta de 25 Estados soberanos mais a Alsácia-Lorena — durante 1871-1890, reinado por Guilherme I, e tendo Bismarck como chanceler.

Mantém a hegemonia econômica e militar na Europa — e organiza um regime de paz armada.

A população do império era de 68 milhões de habitantes. Havia grande desenvolvimento industrial; já eram conhecidas, entre outras, a Siderúrgica Krupp e, na indústria química, a Badische Anilin.

O governo instala o primeiro porto da Europa continental em Hamburgo. O país apresenta uma grande expansão comercial, mantém frota mercante e já era empregado sistema de domínio comercial através de cartéis.

A grande agitação política e social da época

A agitação política e militar era muito grande. A Alemanha rica e forte, na tentativa de expansão, declara guerra e invade a França — 1870 — gerando-lhe intensa crise econômica e social.

Agravando a vida nessa região da Europa, surge a figura de Karl Marx, que escreve o célebre livro "O trabalho



Fotografia histórica. Inauguração do novo anfiteatro de Cirurgia da Universidade de Viena. Esta fotografia nos foi cedida gentilmente pela Universidade de Viena. Uma réplica da mesma encontra-se no Museu de História - Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

BILLROTH E A CIRURGIA

Contexto político, social e tecnológico de sua época

Theodor Billroth, incontestavelmente, foi criador de uma das Escolas Cirúrgicas mais notáveis que se tem menção e desenvolveu importante trabalho de profunda influência na cirurgia, cujos efeitos apresentam sua marca até nossos dias. A presença de Billroth demarca a transformação do cirurgião barbeiro em-

Para compreendermos a participação de Billroth no desenvolvimento da cirurgia, é necessário proceder a uma sessão tomográfica da época, procurando-se caracterizar alguns aspectos do seu contexto político, social e tecnológico.

O fulcro dos acontecimentos se inicia com a grande Revolução Industrial estabelecida na Inglaterra a partir de 1752 — quando se instala importante surto de progresso tecnológico.

Deve-se entender por tecnologia toda a máquina ou instrumento mecânico,

assalariado e o capital", organiza e ativa os movimentos político-sociais, de caráter internacional — e logra instalar a Primeira Comuna na França — 1872.

Diante da intensa inquietude social, generalizada, o Vaticano participa com sua opinião doutrinária, tornando-se conhecidas as encíclicas emitidas por Leão XIII, "Quod apostolici" (1878), "Immortale Dei" (1885) e em 15-5-1891, a mais célebre delas — "Rerum Novarum" — a primeira encíclica que se ocupa da questão social, reconhecendo a sua existência e propondo medidas para sua solução pacífica. A encíclica da qual surgiu o movimento operário cristão.

Diante dos movimentos político-sociais, gerando a violência internacional e a conseqüente repressão, funda-se a primeira Liga dos Direitos do Homem — 1898 — para defender as liberdades humanas ameaçadas pelas decisões arbitrárias do poder político, militar ou judiciário, a despeito dos códigos e do direito natural.

Progresso científico e técnico da época

Nos setores da engenharia, ciências e artes, houve o surgimento de intenso progresso, de onde emergiram grandes celebridades.

A Medicina como um todo acompanhou este surto de evolução técnica, destacando-se também grandes figuras.

Entre muitas, realça-se a presença de Virchow — personalidade polivalente, extraordinário patologista — professor de Patologia da Universidade de Berlim — criador da teoria da "Patologia celular", um dos fundadores da moderna Medicina Social; como homem público e político, funda o "Partido Progressista Alemão", majoritário, do qual era deputado combativo e tenaz. Árduo opositor de Bismarck, como episódio crítico, cita-se que este, transbordante de raiva, num dado momento, lança a Virchow um desafio para duelo armado.

Ainda na Alemanha, destaca-se a figura de Semmelweis, criador dos princípios de assepsia. Trendelenburg, conhecido pelas suas operações para varizes, hidronefrose e embolectomia pulmonar.

Nesse país realça-se também o nome de Freud, o fundador da Psicanálise, por volta de 1880, professor de fisiologia em Viena; na França, Pean; na Rússia, Piro-

gov; na Dinamarca, Hirschprung; na Suíça, Kocher, famoso por suas operações sobre a tireóide, posteriormente (1909) prêmio Nobel de Medicina.

Em relação aos progressos médicos, deve-se dizer que se possuíam amplos conhecimentos sobre anatomia patológica e sobre quadro clínico das enfermidades.

As doenças mais comuns eram representadas pelas infecto-contagiosas, a desnutrição facilitava o seu caráter epidêmico.

Não havia ainda raio-X para diagnóstico; foi inventado somente em 1895, por Roëntgen, físico, agraciado com o prêmio Nobel, 1901.

Diagnóstico era executado através da análise de sintomas e de exame clínico — palpação de tumores e avaliação de sinais, como ondas de Kussmaul, para obstrução pilórica, sinal de Gersung — "Klebs Phenomen" — para o fecaloma e o conhecido sinal de Skoda, para coleção de líquidos peritoneais. Como método diagnóstico instrumental, deve-se salientar o endoscópico, idealizado por Mikulicz e realizado com tubos rígidos para esôfago e estômago — 1880.

Na Cirurgia

Já vimos anestesia geral — o éter era empregado desde 1842 — por Crawford Long, da Geórgia; o clorofórmio fora introduzido em 1846, no Massachusetts General Hospital de Boston.

A antissepsia cirúrgica profilática foi utilizada por Semmelweis desde 1847, em Viena, que tinha como colaboradores Von Hebra, Skoda, Heller e Rokitsky. O método consistia em escovar as mãos com água e sabão e com solução antisséptica.

Lister — professor do King's College Hospital de Londres — 1867, faz a comunicação do papel do ácido carbólico e da sua importância no tratamento das feridas. Este processo valorizava a necessidade da cirurgia antisséptica profilática e fora reconhecido por Billroth somente em 1892, quando estava se aposentando.

A teoria de Pasteur vinha se tornando conhecida mas não devidamente aceita. Havia vários instrumentos para incisão, hemostasia, bem como fios de cirurgias — catagute e seda. Eram aplicados fios longos, introduzidos por Alexander

Monro de Edimburgo (1737-1752) e William Lawrence (em 1815) reconhece como inconveniente e passa a cortá-los junto ao nó.

Dados históricos sobre a cirurgia gástrica

Desde quando se tem notícia, as intervenções bem sucedidas sobre o estômago constituíram fatos isolados e dignos de registro.

As intervenções, historicamente, podem ser assim resumidas:

a) Gastrotomia para remoção de corpo estranho. Foi executada em 1602, pelo cirurgião-barbeiro Florian Mattis, em Brondenburg. O paciente, engolidor profissional, deglutiu uma faca, com cerveja, que permaneceu no estômago durante 7 semanas e dois dias.

b) O segundo caso foi em 1635, em Königsberg. Igualmente por faca engolida acidentalmente. O paciente foi operado, após estudo feito pelo "Collegium Medicum", por Daniel Schwabe. O rei da Polônia, Ladislau IV, ficou tão impressionado que foi até Königsberg para ver o paciente, a faca e a ferida cirúrgica.

c) Em 1767, Nollson sutura com sucesso o estômago de soldado ferido por sabre no hipocôndrio direito.

d) As primeiras gastrostomias foram executadas com sucesso no homem em 1846, pelo cirurgião francês Charles Sedillot e por A. Verneuil (1876), em pacientes com dificuldade de deglutir.

e) Os primeiros ensaios sobre piloro-plastias são devidos a Pietro Loreto (1882), dilatando o piloro digitalmente através de incisão de antro e piloro. Entretanto, as primeiras piloroplastias típicas se devem a Heineke (1886) e Mikulicz (1887), discípulo de Billroth, por estenose pilórica.

f) A gastrojejunostomia, praticada por Woelfler, discípulo de Billroth, em setembro de 1881.

A gastroduodenostomia foi criada por Jaboulay (1892).

g) Billroth praticou a primeira ressecção para câncer, mas foi Ludwik Rydygier (1882), na Polônia, quem empregou a variante BI, para úlcera pilórica. Quanto a este episódio, tendo em vista que as variáveis cirúrgicas eram tão numerosas, o "Zentralblatt für Chirurgie" comentou — "Felizmente, também a última."

Em abril de 1879, Jules Emile Pean pratica a ressecção do estômago para carcinoma pilórico. A operação durou duas horas e meia e o paciente faleceu no 59 dia P.O.

As condições sob as quais esta operação foi realizada podem ser imaginadas a partir do relato do jovem sueco estudante de Medicina em Paris – que se tornaria médico e escritor famoso – Axel Munthe, o autor de “O livro de San Michele”.

Relata como escapara das mãos do Dr. Pean, em Paris:

“... o famoso Dr. Pean, terrível açougueiro do Hospital São Luiz, terminava amputado, de repente, as duas pernas e as teria lançado sobre outros pedaços de braços e pernas e meia dúzia de ovários e úteros e vários tumores acumulados no chão do seu anfiteatro lambuzado de sangue, como num açougue. Então, suas enormes mãos, ainda ensanguentadas, teriam cravado o bisturi com a destreza de um prestidigitador na sua próxima vítima, meio consciente sob insuficiente anestesia, enquanto meia dúzia de outros, gritando com terror nas suas macas, aguardavam sua vez de tortura.”

Este relato serve para demonstrar a diferença de postura entre Billroth e Péan – os realizadores das primeiras gastrectomias.

Linha de pesquisa de Billroth em relação à gastrectomia

A execução da primeira gastrectomia por Billroth, diferente do que se imagina, não foi um fato aleatório; pelo contrário, foi o objetivo estabelecido numa longa e pertinaz linha de investigação.

Theodor Billroth, profundo conhecedor de patologia cirúrgica, havia verificado que muitos casos de câncer gástrico eram passíveis de tratamento mediante ressecção do estômago.

Dois jovens colaboradores, Carl Gussenbauer e Alexander Winiwarter, por sugestão de Billroth, examinaram os protocolos de 542 autópsias de carcinoma do piloro, registrados no Instituto de Patologia de Viena de 1817 a 1873. Comprovaram que 41,4% deles não apresentavam metástases à distância. Em aproximadamente 43% destes casos o tumor não apresentava fixações, demons-

trando possibilidades de tratamento mediante ressecção gástrica.

Passou a pensar seriamente em desenvolver uma técnica para concretizar a realização da gastrectomia no homem.

Em 1874, Billroth estabelece um programa de cirurgia experimental em cães, sob a incumbência de Gussenbauer e Winiwarter, que realizaram gastrectomias com reconstituição por gastroduodenostomose, que subsequentemente seria conhecida como Gastrectomia à Billroth I.

Foram operados 7 cães, dois dos quais morreram de deiscência de suturas. Somente 2 deles sobreviveram para observações prolongadas. Quando sacrificados, 8 meses após a operação, foi verificado que um apresentava duas úlceras anastomóticas.

Em vista destes resultados, Billroth continuou aperfeiçoando o método durante 7 anos, para a sua realização pioneira no homem.

Com efeito, nessa época, a cirurgia então já possuía uma série de recursos, como aplicação da anestesia geral, antisepsia profilática, lavagem das mãos com água e sabão e do instrumental com solução antisséptica, emprego de fios absorvíveis ou não, cortados junto ao nó.

A gastrectomia fora suficientemente metodizada em animais de laboratório por Billroth e seus discípulos, e desfeito o fantasma da digestão de fios de seda pelo suco gástrico.

Dessa maneira, Billroth dispunha de todas as condições para praticá-la no ser humano.

Depois de ser realizada a intervenção pioneira, em 1881, esta operação continuou a ser praticada e aperfeiçoada. A despeito disto, entretanto, a mortalidade continuava sendo alta. Segundo relato de Ziegler (1949), em 1890 foram registradas 41 gastrectomias realizadas por câncer gástrico na Clínica de Billroth, com 19 casos bem sucedidos, significando uma mortalidade cirúrgica de 53,7%, acompanhando os índices da época, como o relatado por Haberkant de Danzig, com 54,4% de óbitos (6).

Como se viu, Billroth viveu numa época de progresso tecnológico e, graças à sua sólida cultura e disposição para o trabalho, soube não só se aproveitar dessa circunstância, mas sobretudo propulsionar para patamares mais elevados to-

das as áreas de sua influência no campo médico, principalmente na pesquisa e amplamente no ensino nos seus vários níveis.

Com efeito, durante sua vida como professor e como cirurgião, desenvolveu intensa atividade, quer no campo experimental como em cirurgia clínica. Foi o 1º a ressecar o esôfago em animais em 1872, e com isto provou a possibilidade de se estabelecer a cicatrização do órgão.

No campo clínico, realizou ressecções do reto e do ceco, além de ter praticado com sucesso as primeiras laringectomias.

Em relação à antisepsia, embora oferecesse certa restrição aos princípios listerianos (1867), enviou seu auxiliar Wolfler para estudar de perto a questão na Clínica de Lister. O seu profundo espírito de busca da verdade fez com que mudasse de opinião, em 1877, quando conheceu os trabalhos de Koch e sobretudo depois que Wolfler trouxera conhecimentos a partir de Lister.

Publicou inúmeros trabalhos, relacionados à cirurgia. Escreveu o famoso tratado de “Patologia e Terapêutica Cirúrgica” (1863), que foi divulgado mediante tradução em 10 línguas: francês, inglês, húngaro, polonês, sérvio, croácio, russo, italiano, espanhol e japonês, merecendo um total de 12 edições.

Publicou também as célebres “Comunicações sobre prática cirúrgica”, na qual mostra um franco e minucioso estudo de bons e maus resultados cirúrgicos, que mereceu do grande cirurgião russo Nikolai Pirogov a manifestação: “Você foi o primeiro a dizer a verdade.”

Em 1866, publica seu livro “As Ciências Médicas nas Universidades Alemãs”, onde trata das universidades, de *curriculum* médico e da necessidade da modificação da formação médica, demonstrando a sua impressionante erudição na matéria.

Entendia com grande profundidade de ensino médico graduado e pós-graduado. Isto repercutiu posteriormente nos Estados Unidos.

Halsted, visitando-o, levou para seu país a idéia de instalação do sistema de residência médica. Seus pensamentos sobre a reforma do ensino médico inseridos na célebre “Lehren und Lernen” (1876) eram de tal clareza, que o livro foi traduzido para o inglês, servindo de base para Abraham Flexner (1910),

apoiado pelo Conselho de Educação Médica de Hospitais, realizar a grande reforma de ensino médico nos Estados Unidos.

Billroth foi criador de uma das mais importantes escolas que se tem notícia na história da cirurgia.

Foram seus discípulos diretos diversos cirurgiões famosos como Mikulicz, Czerny, Eiselberger, Menzel, Steiner, Gussenbauer, Gersung, Georgievic, Frisch, Von Winiwarter.

Em síntese, estes foram os tópicos principais que marcaram a existência intensamente vivida pelo cirurgião e mestre que soube formar cirurgiões e mestres.

Nisto, particularmente, Billroth foi muito feliz e bastante gratificado.

No cumprimento de sua extensa missão de cirurgião, professor e pesquisador, recebeu o maior prêmio que se pode aspirar, que foi ter conseguido cooperar tanto para a humanidade, oferecendo à sua e às gerações sucessoras, uma grande contribuição para um mundo melhor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ABSOLON, K.B.; BASHOUR, F. — The past and present of medical Education. *Surg Gynecol. Obstet.* 133: 865-882, 1971.
2. CARVALHO, J.M. — Billroth, Brahms e o Centenário da Gastrectomia. *R. Amrigs* 25: 151-153, 1981.
3. MANN, R.J. — Historical Vignette —

Theodor Billroth, 1829-1894. *Mayo Clinic Library* 49: 132-134, 1973.

4. SEPULVEDA, A. — *La vida de Theodor Billroth*. Conferência. Faculdade de Medicina da Universidade do Chile — Santiago. Agosto, 1981.
5. STROHL, E.L. — The unique friendship of Theodor Billroth and Johannes Brahms. *Surg. Gynecol. Obstet.* 131: 757-760, 1970.
6. WANGENSTEEN, O.H.; WANGENSTEEN, S.D. — *History of Gastric Surgery. Glimpses into its Early and More Recent Past. Surgery of the Stomach and Duodenum*, Nyhus, L.M. and Wastell, C. 3rd Ed., Boston, Little, Brown and Company, 1977.

Pedro Badra, um homem em plural

Pedro Jabur

A História de uma nação se escreve com a biografia de seus grandes homens.

Nenhuma comunidade pode sobreviver, se não guardar o seu passado. O homem há que ter uma história para legar aos seus descendentes, aos seus amigos, à sociedade. E Pedro Badra tem uma história.

É na sua voz que, fechando os meus olhos, eu o vejo neste momento em Santa Cruz das Palmeiras, calças curtas, vassoura nas mãos, varrendo a calçada em frente à loja de seu pai, cujas portas de ferro iria levantar logo mais. Fazia-o resmungando, por vezes, esfregando os olhos sonolentos, pois não gostava de levantar cedo. Só então iria para a escola, o "Grupo Escolar Carlos Guimarães", que frequentou com excelentes notas, porém, com nem sempre recomendável comportamento. Moleque, magro, porém ágil e forte, camisa de fora, era muito apreciado e respeitado por suas brincadeiras sadias, por sua capacidade de aglutinação e de liderança. Já nessa fase da vida, revelava pendores pela música, tomando-se o corneteiro do Grupo, função que desempenhava com ardor e o colocava em evidência.

Vivo, irrequieto, tudo era manifestação de um sentimento de comunicação, que brotava na alma daquela criança de Santa Cruz das Palmeiras, a maior e a mais lendária cidade do Interior de São Paulo, no seu dizer, se não em tamanho, pelo menos em poesia e sonhos, que povoavam aquela cabeça cheia de idéias e ideais.

Cresceu, cresceram seus irmãos e a cidade interiorana tornou-se pequena para conter aquela família numerosa e plena de iniciativas.

Pedro Badra veio para São Paulo e cursou o Ginásio de São Bento, como todos os seus irmãos. Inteligente, comunicativo, gregário, excelente aluno, grangeou numerosas amizades e a admiração de seus mestres. Já nessa oportunidade interessou-se pelo estudo das línguas e passou a ler e falar correntemente além do português e espanhol, o francês e o inglês. Sua inteligência sobressaía-se e ao término do curso foi escolhido orador da turma. Proferiu um discurso cheio de emoção, em que não faltaram recordações passadas na escola, homenagens carinhosas aos pais e mestres e mensagens de otimismo para o futuro. Muitos de

seus colegas de então continuaram seus amigos, apesar de trilharem caminhos, direções e profissões diferentes.

Fez o vestibular e entrou na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, formando-se médico, em 1937. Essa vocação pela medicina e pela pesquisa já se havia manifestado há muito tempo, na sua infância. Ainda de calças curtas, em Santa Cruz das Palmeiras, costumava estudar os pequenos animais e plantas, explicando aos seus companheiros cada uma das respectivas partes e as suas funções.

Na Faculdade de Medicina, salientou-se, não somente pelos seus conhecimentos, como aluno aplicado, como por sua liderança política, congregando seus colegas na direção de idéias e conquistas de tal forma a fazer da vida acadêmica não apenas um meio de buscar conhecimentos, mas também de integração na sociedade e influir nos seus destinos. Era uma plêiade de jovens cheios de energia física e espiritual com desejos e esperanças, que enxergavam um São Paulo dinâmico e descortinavam um Brasil enorme, a explodir em sua potencialidade.

Inicia luta por princípios e objetivos superiores que o levam à Presidência do Centro Acadêmico Oswaldo Cruz, dos alunos da nossa sempre querida e gloriosa Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Continua seus trabalhos e, após ingentes esforços e contando com a colaboração de seus colegas, moderniza a praça de esportes do Centro Acadêmico, conclui as obras de moderna pista de atletismo, que é inaugurada em sua gestão, com grandes festividades e competições, com a presença de autoridades federais, estaduais e de toda a sociedade paulista. Os alunos da Faculdade de Medicina podem, então, dedicar-se ali mesmo, não somente aos estudos, aos seus doentes, mas também ao dilettantismo sadio do esporte.

"Mens sana in corpore sano". Assim, os acadêmicos de Medicina já podem competir com os de outras escolas e terem as suas glórias. Torneios esportivos se sucedem e lançam em outros campos o nome da Faculdade. E a Mac-Med germina em um desses encontros, competição essa que é promovida até hoje.

Não para aí o seu afã em buscar maior entrosamento com outros Centros e proporcionar oportunidades a seus colegas. Planeja encontros científicos para cidades do interior de São Paulo e para outros Estados. Organiza grande caravana de alunos e professores para o Uruguai, Argentina e Europa, visitando centros médicos estrangeiros, alargando os horizontes, plantando o germen da amizade, do relacionamento de centros científicos. E o faz sem praticamente onerar seus companheiros de viagem. Contam seus amigos que, para maiores vantagens, dá inclusive audições de piano no navio, mostrando o seu gênio para a música.

Em Buenos Aires, os Professores Antonio C. Pacheco e Silva, Alípio Corrêa Netto, Jairo Ramos, Joaquim Leme da Fonseca, Vieira Macedo, Aloísio Mattos Pimenta, que faziam parte da caravana, proferem conferências com grande repercussão no meio científico da Capital portenha. Na organização dessas caravanas, tem sempre o apoio de seu irmão, o deputado Aniz Badra, como aliás sempre teve de todos os seus irmãos, nas suas diversas iniciativas. É na gestão de Pedro Badra que o Centro Acadêmico homenageia a Sra. Emília

Fonseca Cruz, viúva de Oswaldo Cruz, elegendo-a sócia honorária.

Ainda como acadêmico, organiza, com seu irmão Alberto, curso preparatório para os vestibulares das Faculdades de Medicina e Politécnica, com índices de aprovação que superam 90%.

Formado médico, dedica-se às crianças da Santa Casa e da Cruzada Pró-Infância, onde tem atividades das mais profícuas e que são lembradas até hoje. Reconhece e descreve doenças ainda não diagnosticadas e relatadas no Brasil, como a "Eritremia Crônica tipo Cooley", que apresenta em sessão da Associação Paulista de Medicina e que publicou na "Revista Pediatria Prática" em 1941.

Tem a genialidade de vislumbrar a importância dos focos infecciosos do ouvido e da garganta na gênese da gastroenterite das crianças, que tão frequentemente levavam à desidratação e à morte. Foi o primeiro a usar otoscópio de visão direta para melhor e mais rapidamente fazer o diagnóstico e instituir o tratamento de seus pequenos pacientes.

Pedro Badra era um curioso. Precisava saber e interpretar para bem tratar e curar. E sua meticulosidade levava-o a tentar fazer sempre diagnósticos precisos e comprová-los e não deixá-los no terreno movediço das hipóteses, o que lhe grangeou a fama de "diagnosticista". Daí o êxito da medicina que exercia. E não era somente da criança que tratava. Orientava os pais e cuidava da família de forma globalizada. Quase que fazia parte dela. Humano, era um deles. Tinha alegrias com eles, chorava com eles. E por causa dessas qualidades de médico e de mestre, foi convidado para orientar os alunos no atendimento das crianças no Departamento de Pediatria, já agora na Faculdade de Ciências Médicas da nossa Santa Casa de São Paulo.

Batalhador incansável, teve sempre em suas lutas o apoio e a inspiração de sua esposa Sylvia, mulher de espírito forte, que compreendia seu companheiro como ninguém, mesmo quando o diálogo era o silêncio, ao lado de seu filho, o Pedro Antonio, "espelho em que se via afortunado e luz que lhe pôs nos olhos um novo brilho".

Pediatra, faz concurso de clínica médica e ingressa no serviço médico do ex-IAPI, juntamente com clínicos de escol da época. Exerce o seu trabalho com

inteligência e dedicação e é indicado para o elevado cargo de Superintendente Médico. Não se satisfaz com as condições de atendimento e com as estruturas vigentes no Instituto. Valoriza o assistido, valoriza o médico e o funcionário, que prestam a assistência médica. Cria as clínicas especializadas e indica médicos de grande competência para organizá-las e chefá-las, com o que melhora grandemente o padrão de atendimento, com acentuado benefício para os doentes e fazendo ressurgir a confiança e o prestígio de seus médicos. Aproveita a estrutura estabelecida e planeja com seus chefes de clínicas o Hospital de Heliópolis, para que possa dar um atendimento digno ao industriário, já que é este o verdadeiro construtor de São Paulo. Era preciso que neste Hospital o trabalhador tivesse um atendimento "de gente" e que se acabasse com a figura do "indigente".

Progressista, consulta o que se está fazendo de mais moderno e avançado em hospitais no mundo e idealiza, já naquela época, de forma pioneira, a Unidade de Cuidados Intensivos, de formato circular, com posto médico e de enfermagem no seu centro, para que seus doentes pudessem ser vigiados permanentemente. Programou tudo o que de mais moderno existia para que o doente fosse bem assistido. Entusiasmado, exclamava: "Aqui vamos colocar uma placa dizendo: É proibido morrer".

Entusiasta infatigável planejou no Hospital auditório dos mais completos, onde se realizariam encontros científicos e congressos médicos e, quem sabe, fazer com que o Hospital se ligasse à Faculdade de Medicina, melhor forma de manter padrão elevado de assistência médica. Ao mesmo tempo, lançou a semente para que ali se instalasse uma Escola de Enfermagem de alto padrão.

Sua paixão pelo saber levava-o à leitura constante, não somente sobre temas de medicina, sobre os quais sempre se manteve plenamente atualizado por vastíssima biblioteca, como por temas de literatura em geral, política, economia, sociologia. Daí, o seu extraordinário senso crítico, a sua capacidade de comunicação, a sua conversa versátil, que fazia com que seus amigos ficassem reunidos em torno dele horas a fio. Era o que poderíamos chamar de um grande "conversador".

XI

Gostava de ler livros e revistas no original em que eram escritos. Passou a estudar o árabe, japonês e russo, acrescentando essas linguas ao português, espanhol, francês, inglês e alemão, que conhecia de longa data.

O seu saber não queria ter fronteiras nem a interpretação de outrem. Queria ter as próprias. Adorava ler, adentrando a madrugada, no silêncio da noite, com o leve ruído dos grilos e o farfalhar das folhas das árvores, levemente agitadas pelos ventos, e aguardava o raiar da aurora com a cantoria dos pássaros comandada pelos bem-te-vis.

Mas Pedro Badra não vivia para a medicina somente. Distinguiu-se nas artes, também, e o corneteiro de Santa Cruz das Palmeiras tornou-se pianista, autodidata, a princípio, e posteriormente, recebendo aulas do Maestro Casabona.

Foi levado para a casa do Dr. Angelo Pereira de Queiroz, onde fez parte do quarteto que, religiosamente, todas as

quartas-feiras, tocava até altas horas e por anos a fio.

Em certa oportunidade, aqui, nesta mesma casa, na nossa casa, na sede da Associação Paulista de Medicina, é prestada uma homenagem ao médico e ao artista e dá um concerto de piano, quando já não tem um dos dedos da mão, que lhe foi tirado pela doença que mais tarde lhe tiraria a vida. Mas sua ânsia de viver, sua volúpia pela conquista de espaço não é esmaecida, nem pela doença implacável. Não se contenta em executar ao piano obras de outros. Quer compor e compõe as suas músicas, entre as quais "Ticiania", dedicada à sua netinha, que viu nascer há pouco, e acariciou e curtiu como avô extremoso, intensamente, no curto período de vida que ainda lhe restava.

Pedro Badra concentrou em sua personalidade não comum o pediatra, o músico, o amigo, o companheiro, vivendo globalmente como um homem em plural.

Foi a um homem assim que a comunidade resolveu agraciar com o Grau de Cavaleiro Comendador e com a Medalha de Honra ao Mérito Civil.

Com esse acervo incomensurável e extraordinária capacidade de comunicação, conquistou numerosos amigos e uma liderança natural. Ficávamos horas e horas conversando. E ele sempre com suas interpretações. Nunca soube ficar só. Não desejou ser o solitário social. E agora, neste momento, estou a vê-lo lá no alto, rodeado de amigos, conversando, tocando piano, fazendo com que cada vez maior número de pessoas o rodeiem.

Com estas palavras, queremos, nesta evocação de insígnias esculturais de São Paulo, simplesmente apontar a esta e às próximas gerações um exemplo dignificante de esforço, de inteligência, de perseverança, de autodeterminação e de espírito público.

Até sempre, Pedro Badra!

Paulo Gorga

Prof. C. De Guarnieri Netto

Recebi a honrosa missão para proferir nessa noite, na casa do médico paulista, palavras de homenagem póstuma a Paulo Gorga. Aceitei o convite feito pelo colega e amigo Dr. Duilio Crispim Farina, médico e literato, tanguado apenas pela amizade que dedicamos ao ilustre Presidente do Departamento de Cultura da Associação Paulista de Medicina e ao homenageado, com quem tivemos o privilégio de privar durante longos anos.

Estamos convencidos de que não possuímos dotes literários ou oratórios, mas vamos falar apenas com o coração e erros do coração todos nós podemos e sabemos perdoar.

Paulo Gorga graduou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Atraído pelo brilho da escola ginecológica paulista, capitaneada pelo Prof. Nicolau de Moraes Barros, passou a frequentar com assiduidade e total devotamento o serviço de Ginecologia da

Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, onde demonstrou grande pendor para a especialidade. Com a aposentadoria do Prof. Moraes Barros, assumiu a Cátedra, após brilhante concurso, o eminente Mestre Prof. José Medina, que deu nova e extraordinária dimensão à Escola Ginecológica de São Paulo, fazendo-a respeitada não só em todo o Brasil, como no exterior.

Paulo Gorga, com a mesma dedicação, acompanhou o novo Titular, que transferiu seu Serviço para o Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Foi neste nosocômio que, na qualidade de Assistente Voluntário, conhecemos Paulo Gorga e passamos inicialmente da simples categoria de admirador, para amigo incondicional. Espírito perquiridor, atilado, perspicaz, inquieto, inovador, não se conformando jamais com o cotidiano e as coisas comuns da ginecologia,

abriu, como pioneiro, dois caminhos que mais tarde, através dos seus inúmeros discípulos, transformar-se-iam em estradas largas e batidas de sol; refiro-me aos estudos que desenvolveu sobre a colposcopia e a endoscopia abdômino-pelviana. A primeira, método excelente na detecção precoce do câncer do colo do útero, aliada à colpocitologia oncótica, e a segunda, de grande validade propedêutica em numerosas entidades nosológicas em ginecologia.

O primeiro trabalho publicado no Brasil, em 1952, sobre colposcopia, "Posição da colposcopia na propedêutica do câncer cervical", foi de sua autoria e de colaboradores. Sua tese de Livre-Docência, "A endoscopia abdômino-pelviana em ginecologia", defendida em 1954, na Faculdade de Medicina da USP, também foi pioneira.

Fora do âmbito da universidade, chefiou o Serviço de Maternidade da Clí-

nica Infantil do Ipiranga por longos anos.

Foi Presidente da Sociedade Brasileira de Patologia Cervical e Colposcopia. Quando do seu falecimento, ocupava o cargo de Vice-Presidente da mesma sociedade, presidida pelo Prof. Carlos Alberto Salvatore, um dos ilustres discípulos do Prof. José Medina, hoje Titular da Clínica Ginecológica da Faculdade de Medicina da USP.

Após sua aposentadoria na Faculdade de Medicina, deu grande impulso à Colposcopia no então INPS, hoje INAMPS.

Vida científica fecunda, publicou

inúmeros trabalhos na especialidade, teve brilhante participação em vários congressos e diuturnamente ensinava com carinho e amor nos Cursos de Graduação e Pós-Graduação da Faculdade de Medicina da USP.

Mas Paulo Gorga não foi só o grande Professor, o médico bondoso, humano e dedicado, mas acima de tudo o amigo aberto e leal.

A ele podemos com justeza aplicar o que em princípio do século escreveu, no final do seu pequeno ensaio, "A alma do cirurgião", o notável cirurgião francês Jean Louis Faure: "A vida do cirurgião é uma vida bela! E quando chega a hora

da morte ninguém pode com mais calma e tranquilidade dormir a noite suprema. Basta ouvir a voz de sua consciência murmurando à sua alma em paz, que neste mundo ele fez mais bem do que mal e que nesta terra de alegria e miséria suas mãos ensanguentadas aliviaram mais sofrimentos que provocaram dores."

Seríamos ainda mais incompletos, ao traçar o perfil do médico e do homem, se não disséssemos que ao lado dos grandes homens sempre há uma grande mulher; Sra. Diva Gorga, companheira fiel de todas as horas de Paulo Gorga, receba também as nossas sinceras homenagens.

José Greff Borba, estudante-mártir, em 1932, da Casa de Arnaldo

Dr. Duilio Crispim Farina

A epopéia de Piratininga pela constitucionalização do Brasil envolveu em seu caudal todo o território bandeirante. Naquele movimento ciclópico de dignidade e civismo, unem-se os voluntários, soldados do exército e da polícia, e logo ocupam posições nas frentes de combate. O Estado, uno pelo mesmo ideal, integra-se ao sacrifício e ao dever.

Trens sanitários congregam professores, assistentes e discípulos da Casa de Arnaldo. Antonio Carlos Pacheco e Silva dirigia e orientava o M.M.D.C., fanal, fulcro da resistência cívica, intendência e cantina, oficina da mulher paulista, organização posta ao serviço das tropas. Benedito Montenegro no Hospital de Sangue de Capão Bonito, Alípio Corrêa Neto em Cruzeiro, a unidade cirúrgica volante de Piero Manginelli, Eurico Bastos, Edmundo Vasconcelos, Piragibe Nogueira, João de Lorenzo, Reinaldo Figueiredo, este e mais aquele, todos, atendem, operam, estadeiam em atos de alta cirurgia, em testemunhos de alta conduta e de não menor significado. Presenciam visões aterradoras com o rugir dos canhões, o estourar das granadas, o matraquear da metralha, os silvos das balas, o estrondar das bombas dos aviões, e com elas vidas ceifadas, sangue e glória da mocidade impávida de um povo reso-

luto. Ernesto de Souza Campos, então com 50 anos de existência, pela idade, é impedido de ir combater nas linhas de frente. Instala na rua 24 de Maio, 6, em prédio, pertença de seus familiares, um centro médico para o atendimento da soldadesca, esposas e filhos. Aí, com outros facultativos, examina os soldados que logo mais vão para o Tunel, Vila Queimada, Itararé, Gramadinho, São Miguel Arcanjo, postos avançados de destemor e arrojos sem fim.

Galeno do Revoredo na cúpula das mobilizações médicas, Alfredo e Antonio Rodrigues Bahia, em Piraju, Avaré e mais tarde em Botucatu, Argolo Ferrão e Dorival Cardoso, feridos, estiolados pela pugna sangrenta; os estudantes José Ramos Jr., Augusto Mazza, Eugênio Mauro, Dirceu Araújo, com o ardor dos primeiros entusiasmos do estabelecimento de ensino já locado na colina do Araçá, legião imensa, socorrem, auxiliam, exornam em gestos e atitudes, roteiros cívicos nas sendas do Direito e da Lei. Por São Paulo. Pelo Brasil!

E é então que "quando se sente bater no peito heróica pancada, deixa-se a folha dobrada, enquanto se vai morrer". Estudantes de nossa escola arregimentam-se e, em primeiro exemplo, o presidente do Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz", de 1932, Raul de Almeida Braga,

passa três meses da sua gestão nas trincheiras e com eles mestres e alunos, na afirmação mais ampla das tradições democráticas da Casa de Arnaldo, Faculdade de Medicina de S. Paulo.

Pola Ley et Pola Grey, e o sangue sacrossanto de José Greff Borba, estudante-mártir, e símbolo de seus dias, ficou como marco do sonho e da vitória de um ideal. Gil Spilborghs fixou o companheiro tombado: "entre os colegas vem-me à lembrança o Borba, José Greff Borba, alto, ombros largos de remador, olhos pequeninos através de lentes grossas, que veio encontrar a morte na Escola Politécnica, trabalhando numa granada".

No I.P.T. (Instituto de Pesquisas Tecnológicas), sob a chefia do engenheiro Adriano Marchini, também vítima do conflito com perda de braço, no velho casarão do Marquês de Três Rios, planejam-se bombardas, morteiros e armamentos. José Greff Borba, estudante de medicina, atlético, estuante, das virtudes de sua geração, jovem cavaleiro sem medo e sem mácula, também vai tomar nos experimentos de novo petardo.

Sonho que se desfaz e vivifica. Anelo aparentemente interrompido. Morte e vida. Ressurreição em página grandiloquente da Saga Paulista.

Nos jardins de nossa Escola, no ponto de encontro da Avenida Dr. Arnaldo

XIII

com Teodoro Sampaio, uma herma lembra para todo o sempre o feito de mestres e alunos da então Faculdade de Medicina e Cirurgia de S. Paulo. Flores, saudades e perpétuas cobrem em todo dia 9 de julho o mármore que perpetua um instante de sonho e civismo, amor a São Paulo e ao Brasil.

Cantemo-los com Guilherme de Almeida:

Marcha, Soldado Paulista
Marca o teu passo na História!

Deixa na terra uma pista
deixa um rastilho de glória!

E o "poema de nosso orgulho que vai de nove de julho a vinte e oito de setembro", tinha uma bandeira:

"Bandeira que é o nosso espelho, bandeira que é a nossa pista, que traz no topo vermelho, o coração do Paulista!"

O coração de José Greff Borba! ...

Cecílio J. Carneiro

Dr. Duílio Crispim Farina

Com o nome "Memórias de Cinco" e subtítulo "O Drama dos Médicos Novos", surgiu em 1939, publicado pela Casa Editora Vecchi, um romance escrito por jovem médico de São Paulo, reflexo de suas observações pessoais, quando estudante na Casa de Arnaldo.

Reminiscências da vida acadêmica, fixou um momento de São Paulo, na formação de suas etnias. Os cinco personagens centrais do livro, quatro rapazes e uma moça, bem como os de menor importância, foram selecionados dos diversos fluxos raciais, que o cosmopolitismo paulista iria caldear em síntese de amanhã.

Estávamos tão bonitos hoje...

Os filhos dos fazendeiros

Os filhos dos italianos...

Tinha também alguns com a pele

[morena por demais

Porém nós fazíamos a mesma raça,

Grande gente nova sem ódios,

Povo de trabalho e de aventura...

Novo Continente, novo centro do

[mundo!...

Mário de Andrade

Em torno dessas figuras adensava-se uma solidariedade bem brasileira, que unia aos cinco, na melhor prova de que, procedendo de que raças e povos procedam, nascendo sob o nosso céu, todos são irmãos. A narração se refere a São Paulo, em 1928. A cidade não era mais menina, mas ainda tinha ares pacatos e provincianos.

Guilherme de Almeida descreveu São Paulo nesse tempo "com apenas 900.000 habitantes, tão afeiçoados a ela e entre si mesmos, bem diferenciados pela ori-

gem e costumes, elegendo à vontade os seus quarteirões e a eles circunscrevendo-se, riscando, no chão de Piratininga, um colorido e caprichoso mapa-mundi, com este nome na cartela: Cosmopolis".

Cecílio Carneiro registrou uma faceta da Cosmopolis, na narrativa dos moços ingressos na Faculdade de Medicina.

Dirá mais tarde, poucos meses antes de sua morte, ao autor destas palavras, que "Memórias de Cinco" é um livro da mocidade, escrito com o único intento de que fosse aceito e entendido pelos moços".

Fixou nele a alma, o temperamento e o sonho de cinco colegas reais: retratou-se e aos seus condiscípulos Eulógio Martinez, Eduardo Maffei, Hilda Paonesa e José Moraes Camargo".

Todos da turma que cursou a escola em 1929-1934.

Cecílio Carneiro por 10 anos trabalhou com Zeferino do Amaral e José Moraes Camargo. Sua tendência sempre se dirigiu para a literatura. Escreveu mais de uma dezena de obras. "Pecado nos Trópicos", "Memórias de um Redivo", "Brás", "A Filha das Águas", "O Anjo da Enseada", todos marcos de sua escalada para o renome. Em 1941 obteve com "A Fogueira" o prêmio internacional para a literatura latino-americana, colocado que foi seu livro em primeiro lugar entre uma centena de obras.

Mineiro de Paracatu, terra de Afonso Arinos, em tenra idade chegou à Paulicéia, para não mais sair. De ascendência libanesa, foi e será glória de nossa terra e de nossa escola e inscreveu seu nome nas memórias da Casa de Arnaldo como o seu romancista.

Cecílio Carneiro, em "Memórias de Cinco", romance de um momento da Casa de Arnaldo, esboçou um episódio trágico da vida do mestre amado, Guilherme Bastos Milward. A leitura comove as almas sensíveis. Referiram-no comovidos Almeida Prado e Silva Lacaz, para gáudio de Cecílio, que tinha a apreciação dos dois como uma láurea. Sigamos a pena de Cecílio Carneiro:

"Foi com emoção que o estudante subira as escadas da modesta casa de Milward, situada na rua Santa Ifigênia. Foi encontrar o mestre encerrado num aposento sombrio, em cujas paredes não se via outra coisa que não fossem livros, livros a granel, de todos os gêneros e de todas as épocas. . .

Em meio à palestra, motivo de júbilo para o aluno e amigo, "Milward dirigiu-se a um canapé, onde se estendeu de comprido: desabotoou a cintura, ergueu a camisa, descobriu o ventre. A perturbação do moço crescia cada vez mais. Mas Milward, sem sair da naturalidade, apanágio dos seus atos, chamou-o: — Ande cá, venha apalpar o meu fígado. E ficou, deitado serenamente, o ventre descoberto, os olhos fixos no teto, em expectativa; enquanto isso, o aluno timidamente se aproximava com passos lentos e indecisos, sem saber como se incumbir da honrosa tarefa de examinar um homem daquela envergadura. Junto do canapé, debruçou-se, apalpou o ventre. Nem bem tinha começado a fazer isso e suas mãos se puseram a tremer, ao mesmo tempo que o seu rosto empalideceu bruscamente: sentia sob os dedos um fígado enorme e duro, três vezes aumentado de tamanho, todo coberto de nódulos! Compreendeu tudo. Por

alguns instantes ficou abatido e sem se mexer, não sabendo como esconder seu espanto e a sua dor, diante da horrível verdade. Depois, vagarosamente, a medo, ergueu os olhos para Milward, com o fito de ler-lhe a expressão. . . Ele saberia? mas deparou com olhos irônicos que já estavam fixos nele havia muito tempo. . .

Sim, Milward já o estava olhando, quase penalizado com o espanto do moço, a sorrir! Diante do rosto desfigurado do rapaz, prolongou seu sorriso transformando-o numa risada abafada e dolorosa. E disse, com desconcertante serenidade: — É câncer. É o fim. . .

Nas lembranças de homens e fas-

tos da Casa de Arnaldo, exaltem-se o enciclopédico Guilherme Bastos Milward, sábio e santo, e Cecílio J. Carneiro, romancista da Faculdade de Medicina de São Paulo, já na colina do Araçá, fixador de dias dantanho de mestres e alunos que escreveram a História da Medicina em Piratininga!

Professor Anibal Silveira

Prof. Herbert Luís de Azambuja Neves

Evocar Anibal Silveira, Professor de Psiquiatria, Psicopatologia e Psicologia, faz parte de minha vida cotidiana. No trabalho, estão presentes seus ensinamentos; em casa, compartilho com minha esposa da alegria de tê-lo conhecido e, de modo especial, em minhas orações, a existência subjetiva de sua realidade humana torna-se cada dia mais presente. Por isso, que o dever de homenagear publicamente o Mestre Anibal Silveira torna-se paradoxalmente difícil; desde que a emoção esteve presente — sempre presente — sendo o respeito por ele acrescido do respeito que tenho por esta Casa e seus convidados.

Sou grato ao Dr. Duílio Crispim Farina, Professor "Honoris Causa", artesão da pesquisa e análise em História da Medicina, pelo benevolente convite e ainda estímulo a participar ativamente desta Sessão Cultural da Associação Paulista de Medicina.

É com ternura que agradeço à Sra. Thaís Silveira, esposa do Professor Anibal, bem como à sua filha, Profa. Mariana, e ao irmão historiador, Paulo da Silveira Santos, pelo apoio e compreensão.

Certamente que em poucas linhas não se define uma existência humana superior, em que amar o próximo, vivendo às claras, exige bondade, firmeza e inteligência. A vida de Anibal Silveira é realmente um exemplo de luta, em que venceu a si mesmo, através da Moral Positiva.

Os que pouco sabem dele destacam ter sido médico psiquiatra de renome, honesto e positivista convicto. É verda-

de. Mas a realidade deste homem notável exige estudo e reflexão, não se restringindo a estes aspectos. Produzindo vasta obra, de inegável valor científico, consequência natural do esforço contínuo de uma vida dedicada ao estudo da mente humana, jamais descurou de seus deveres para com a família, a realidade brasileira e a Humanidade. Seu trabalho é fruto do amor ao ser humano e não de vaidade acadêmica; por isso que "lecionar e escrever torna-se imperioso". É preciso transmitir, porque entendeu, como Hipócrates, que "a vida é breve, a arte extensa, a ocasião fugidia, a experiência falaciosa e o julgamento difícil". Comunicando-se em várias línguas, conhecia Latim, Francês, Italiano, Inglês, Alemão, Espanhol e Português, sendo, por isto, o melhor escritor médico Psiquiatra de Língua Portuguesa. Um mestre da alma humana é sempre cientista, capaz de criar usando o método objetivo aliado ao subjetivo, ou seja, fazer aproximações crescentes da realidade, partindo da "hipótese mais simples e mais simpática que comporta o conjunto dos dados a representar". A última frase é devida a Augusto Comte e aplica-se aos fenômenos físicos, biológicos e psíquicos. Aplicando-a no trabalho e no relacionamento humano, Silveira desenvolve enorme bom senso, empatia e carisma.

Para aqueles que conheceram melhor nosso homenageado, é preciso lembrar que o exemplo de sua passagem, neste País e neste Século, não pode ser menosprezado. É certo que, vivendo em Nação subdesenvolvida, não pôde realizar tarefa mais ampla e mais profunda. Ainda

assim definiu seu pensamento, criando uma verdadeira "Escola Psiquiátrica" dinâmica e aberta a sucessivos aperfeiçoamentos. Sua influência na Psiquiatria deve ser encarada com serenidade e lucidez, porque a Ciência não tem Pátria.

Com frequência frases amargas de discípulos e colaboradores de Anibal Silveira traem a saudade e certa sensação de frustração que a morte objetiva amplia. Mas seu exemplo e sua obra sobrevivem e compete, aos que aprenderam, continuar, na medida de sua capacidade individual e coletiva, estudando e ensinando, aperfeiçoando e desenvolvendo honestamente as bases teóricas e práticas da Psicologia, Psicopatologia e Psiquiatria Positiva.

Anibal Cipriano da Silveira Santos nasceu aos 17 de março de 1902 em São Roque, pequena cidade do interior paulista. Sua infância e meninice transcorreram em calma e segurança, apesar da morte de sua genitora, Dona Amélia Augusta da Silveira Santos, ter ocorrido neste período. Mais tarde a família transfere-se para Piracicaba, onde o pai assume a cátedra de Português na Escola Normal. O exemplo de vida íntegra e de lutas proporcionado pelo Prof. Joaquim da Silveira Santos não será em vão — Anibal Silveira, uma vez formado pela Escola Normal de Piracicaba, vai para o Ginásio Estadual de Campinas e ingressa na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, em 1925. Durante o curso médico, escreve e publica, em jornais da Capital, artigos sobre ginástica e educação física. Também trabalha como revisor no *Correio Paulistano*.

XV

O gosto pela Ciência e a crença positivista sempre foram importantes, como atesta o artigo publicado em 1928: "Higiene e Eugênia à Luz da Moral" – *Gazeta Clínica*, 1928 – 2-3.

Embora necessite trabalhar para manter-se, dedica parte de seu tempo livre como estagiário no Serviço de Clínica Médica da Santa Casa, orientado pelo Prof. Ovídio Pires de Campos.

A enorme atividade física e mental são reflexos da alegria de viver e da esperança na evolução humana, que persistiriam por toda a sua vida.

O 6º ano do curso médico define em seu espírito o interesse pela neuropsiquiatria, pois já percebera o valor do quadro das funções cerebrais estabelecido por Augusto Comte. Iludem-se os que pouco viveram com Silveira, porque o positivismo não foi um acidente em sua vida. Dirigiu-lhe os passos para a Medicina Integral, onde o estudo do Cérebro e suas Funções Psíquicas correlatas aguardava novo impulso. A Teoria da Personalidade, sintetizada pelo grande pensador de Montpellier e desenvolvida por Audiffrent e mesmo Laffitte em aspectos parciais, necessitava do concurso de outro discípulo que aproveitasse os conhecimentos científicos em evolução nas áreas de anatomia, fisiologia, psicologia e patologia mental. É na época o Hospital de Juqueri local propício para estudo. Completado o estágio como estudante interno, obtém a láurea curricular com a tese: "Da clínica psiquiátrica e do ambulatório de higiene mental", onde está evidente a preocupação humanitária e preventiva no tratamento do doente mental e implícito o conhecimento da realidade social brasileira, nos idos de 1931.

Fora do Brasil, a Escola de Munique, lastreada em Kraepelin, sistematizou as doenças mentais, baseando seu raciocínio neuropatológico no chamado "Ciclo hereditário" e no aspecto descritivo. Contando também com Brodmann, que elaborou um mapeamento cerebral de base histológica, desenvolvia-se nessa Escola o estudo objetivo do cérebro e suas manifestações clínicas. Por outro lado, em Frankfurt, Kleist, aperfeiçoando a

investigação hereditária, chega, independentemente de Anibal Silveira, que também utiliza o critério hereditário de em suas concepções, a isolar as psicoses diatéticas. Kleist e Silveira tornam-se correspondentes. Mas Kleist, usando a experiência de neurocirurgia em lesões cerebrais, provocadas por ferimentos de guerra, correlaciona estes achados às doenças mentais e pode montar um mapa cerebral de base psicopatológica. Estes mapas, analisados por Silveira, levam-no a sistematizar novas correlações anatomo-clínicas, que completados por outros mapeamentos mielocitoarquitônicos e neurofisiológicos resultam, anos mais tarde, em "Cerebral Systems in the pathogenesis of endogenous psychoses" (1962) e "Psicologia Fisiológica" (1966). No domínio da Psicologia, estuda como autodidata o Psicodiagnóstico de Rorschach e aperfeiçoa o método da investigação, bem como análise e interpretação dos resultados, desenvolvendo desde 1935 seu trabalho, que ainda uma vez resulta em escola. Foi por mérito o fundador da Sociedade Rorschach de São Paulo.

A esquecida tese de livre-docência, defendida na Faculdade de Medicina da USP em 1941 ("O método de Meduna em esquizofrênicos crônicos") provocou-lhe certa feita um dos raros comentários amargos sobre os rumos da terapêutica atual, que além do cardiazol vem abandonando a prática do coma insulínico (método de Sakel), prejudicando a cura de esquizofrênicos.

Em 1941 vai aos Estados Unidos, onde permanece 1 ano e 6 meses aproximadamente. Estuda na Universidade de Illinois, em Chicago, e trabalha com MacCulloch, Bailey e von Bonin, além de outros. Deste seleto grupo de neurofisiologistas nascem trabalhos fundamentais para o desenvolvimento da neurofisiologia moderna.

Silveira volta ao Brasil por razões afetivo-emocionais. Mais que antes, luta para produzir, porque recusara a oportunidade de permanecer nos Estados Unidos lecionando e pesquisando. Voltou sem amargura, com esperança de deixar no Brasil as bases de seu vasto cabedal

científico. Até o final da década de 40 ensinou no Hospital de Juqueri. Em 1964 prestou concurso para a Cátedra de Psiquiatria da Escola Paulista de Medicina e foi derrotado pela política. Injustiça flagrante e chocante. Provou suas qualidades como Titular no Departamento de Psiquiatria da Faculdade de Botucatu, na Faculdade de Medicina da Universidade de Campinas – convidado pelo experiente descobridor de talentos Prof. Zeferino Vaz, para organizar o Departamento e, finalmente, na Faculdade de Medicina de Jundiaí, onde criou o nível de Residência em Psiquiatria, posteriormente oficializado. Em 1977, contando com assistentes que defenderam tese de doutoramento, passa a lutar para instituir o Curso de Pós-Graduação. Não consegue, apesar de contar com o apoio de toda a Faculdade de Medicina de Jundiaí, onde estava como Diretor desde 1977. E morre aos 16 de agosto de 1979, sem ver completar-se uma sólida base material para continuar seu pensamento. Mas sua vida útil, coerente e harmônica é um modelo de aperfeiçoamento. Quem conviveu com ele pôde sentir a força de sua Personalidade, que lhe permitiu enfrentar também a disritmia cardíaca e o infarto fatal com coragem e lucidez de consciência, despedindo-se de Da. Thaís, esposa, com amor e respeito e recomendando lembranças aos filhos (que ora cito com o devido apreço: Engº Hume, Engº Cid Vinio e esposa Da. Iolanda Silveira, pais da netinha Marília) e amigos. No carro conduzido pela filha, Dra. Marina (Profa. laureada de Microscopia Eletrônica na USP), doce e discretamente, sem incomodar, deixa de existir objetivamente antes de chegar ao Hospital.

Agindo por afeição, mas pensando para agir; foi "o mais bondoso dos sábios e o mais sábio dos bons".

Departamento Cultural:
Presidente: Duílio Crispim Farina
Comissão Executiva:
Guido Arturo Palomba
João Carvalhal Ribas
Maria do Carmo Dias dos Santos Batista
Oswaldo Galotti
Sílvia Marone
Walter Belda